

## MINISTROS . . .

Raul Pilla

A palavra "ministro", etimologicamente considerada, significa servidor: servidor dos reis, servidor da divindade.

Com o correr do tempo e o desenvolvimento da democracia, foi a palavra tomando uma acepção mais alta. Deixaram de ser os ministros meros servidores do soberano, para se tornarem, com o sistema parlamentar, membros de um governo coletivo e responsável. Continuavam ministros, isto é, servidores; mas servidores, não já de uma pessoa, rei ou presidente da República, senão da nação. Subiram, portanto, de categoria. De *minores* (a palavra latina *minister* vem de *minor*) tornaram-se *maiores*: acima deles, somente a magistratura impessoal do presidente da República.

Isto, no sistema parlamentar. No sistema presidencial, continuaram êles na antiga categoria de servidores de uma pessoa: de uma pessoa erguida pelo voto, em vez de ungida por uma autoridade sagrada. Nada valem por si mesmos, senão somente pelo valimento presidencial.

E' claro, que nem sempre foi rigorosamente assim, entre nós. A princípio, a tradição parlamentarista do Império preservou a categoria dos ministros: ainda se consideravam membros do governo, em vez de meros servidores do presidente. E Rodrigues Alves, antigo conselheiro na Monarquia, teve um grande ministério comparável aos antigos gabinetes. Mas a autoridade dos ministros foi baixando, até anular-se por completo com o desabusado personalismo do sr. Getúlio Vargas, que nós desastrosamente eleváramos ao governo, a fim de combater o que chamávamos a hipertrofia do poder executivo. Chegou-se, destarte, ao mais baixo da escala involutiva, em matéria ministerial.

Neste processo de degradação da democracia representativa inclui-se o recente episódio do Ministério da Agricultura. Não importa saber se o sr. Mário Meneghetti é bom ou mau ministro. Provavelmente é igual aos que pode produzir este regime. O profundamente significativo é a maneira como o presidente da República o tratou, ou destratou, ao despachar um processo relativo ao trigo. Um mestre-escola arreliado assim não interpelaria o mais ordinário de seus alunos. O presidente da República, obedecendo, aliás, à índole do regime, não se comporta como o chefe de um conselho de governo, onde haja troca de idéias e se exerça livre, mas cortêsmente a crítica, senão verdadeiramente como um soberano, embora limitado no tempo.

Mas tais incidentes, quando chegam a produzir-se, não têm conseqüências. O ministro compreende perfeitamente que este é o regime. E o presidente não ignora que o ministro admoestado e conformado se torna mais dócil e seguro, se torna melhor ministro. Se a repreensão foi demasiado áspera, algumas explicações e atenuações resolvem o caso a contento de todos.